

## **Por Fernando Cocchiarale**

Setembro de 2002

Os desenhos de Argentino Mauro, o Arjan, nascem no próprio ato da execução. Entretanto não decorrem de procedimentos aleatórios cuja finalização seria casual ou sem qualquer identidade. Seu conjunto possui uma evidente autoria já que não só de um ponto de vista do processo de produção, quanto da temática, estas imagens possuem traços em comum.

O claro diálogo entre os trabalhos de Arjan funda-se, pois, no próprio processo criativo. Argentino integra a legião de artistas cuja obra é concebida não como o resultado de um projeto (isto é da antecipação dos resultados finais da obra antes de sua efetiva execução), mas da expressão das pulsões e tensões do seu universo interior ao longo do processo de feitura do trabalho. Nesse sentido não seria equivocado vinculá-lo, desde que ressalvadas certas condições, à genealogia expressionista.

Delineada a partir do Fauvismo francês e do Die Brücke alemão, 1905, esta genealogia configurou-se como um ismo no Der Blaue Reiter, proposto na Alemanha de 1911. Conforme o historiador italiano Giulio Argan, "Literalmente, expressão é o contrário de impressão. A impressão é um movimento do exterior para o interior, é a realidade (objeto) que se grava na consciência (sujeito). A expressão é um movimento inverso, do interior para o exterior, é o sujeito que se manifesta no objeto (1)".

Nesse sentido, antes mesmo de sua existência enquanto um dos ismos da vanguarda histórica da primeira metade do século passado, a tendência ao expressionismo era (e ainda segue sendo) latente ao temperamento de muitos artistas. Legitimada pelo sentido trágico-romântico de cultura alemã e da psicanálise, sua emergência no cenário pioneiro da arte moderna apenas dava vazão a uma escolha estética atípica em relação à objetividade das novas linguagens plástico-formais e, portanto, mais próxima da invisível vida interior de um Sujeito-artista. Agora, porém, diferentemente do passado pré-moderno, esta tendência podia coexistir com suas antípodas, no universo e relativo plural das vanguardas.

Desde então, sempre que a arte pretendeu romper ou afastar-se do campo de questões estéticas e artísticas de feição mais cerebral, esta tendência foi retomada em bases novas: o expressionismo abstrato americano (década de 1950) e o neo-expressionismo alemão (década de 1980), por exemplo., ao revalorizarem as pulsões emanadas das entranhas da condição humana, trouxeram com eles a valorização de pinceladas e traços de gesto ágil, cuja ordenação, na obra, prescindia do projeto.

Exceção feita ao expressionismo abstrato, os repertórios temáticos de genealogia expressionista comumente valorizaram os dramas da alma humana por meio de ícones do corpo mortificado ou em extrema tensão. Este é o pano de fundo das dezenas de desenhos apresentados nesta mostra por Argentino Mauro.

Do ponto de vista icônico Argentino não foge das expectativas genealógicas dos expressionismos. Ele concentra-se no corpo humano, embora jamais insira-o numa espécie de composição cenográfica típica da de seus colegas alemães históricos. O ambiente em que seus corpos gráficos aparecem, quase sempre fragmentados em seus aspectos mais expressivos (como o rosto, por exemplo), é o próprio papel, sujado por sequelas das manchas aguadas e do desenho. Até mesmo nos trabalhos dos fetos, desenhados por inteiro, a fragmentação se consuma. Separados do corpo materno no qual deveriam se inscrever seus embriões flutuam num fundo sem identidade. A este repertório de imagens somam-se outras, não menos intensas, constituídas por rostos masculinos crispados, caveiras e ícones similares. Há portanto uma rapidez nos desenhos que resulta numa profusa produção quase obsessiva que suscita uma exibição condensada de dezenas trabalhos tal como na presente exposição.

Parte significativa dos seus trabalhos inicia-se a partir de manchas aquareladas de coloração carnal potencialmente dramática. Elas combinam simultaneamente uma atitude previsível e expectativas aleatórias, ambas parciais: a que controla sua área de incidência desejável e aquela que, disponível para o acaso, assimila resultados imprevistos, mas favoráveis aos passos seguintes. Em seguida, superposto às manchas, começa o desenho, num traço espontâneo e nervoso que percorre o branco do papel, sem recobri-lo, mas sujando-o com a densidade das imagens que cria. No entanto Arjan não explora o contraste dramático entre zonas de intensa luz e de pesadas sombras que levou, por exemplo, os expressionistas alemães históricos à intensa investigação do universo gráfico, especialmente o da xilogravura. Ele consegue preencher o espaço em branco do papel mesmo com a preservação de áreas consideráveis sem qualquer ocupação pelo gesto gráfico criador.